

AÇÃO CATÓLICA LIMOEIRENSE: DISCURSOS, IMAGINÁRIO E POLITIZAÇÕES DA FÉ. (1940-1954)

Cintya Chaves*

Resumo: O presente artigo se propõe compreender o movimento da Ação Católica na Diocese de Limoeiro do Norte- CE, nos anos de 1940 a 1954, tentando perceber o papel desempenhado pelo mesmo e suas implicações nas diversas dimensões sociais. Nesse sentido, esta temporalidade foi elencada por se entender que a Igreja Católica, em especial os movimentos organizados por ela, possuíram outro enfoque com a chegada do primeiro bispo em 1940 e, repercussão, tendo o seu ápice ao sediar um evento de cunho nacional, no ano de 1954. Para tanto, se teceram reflexões, pautadas nos documentos dispostos no acervo do Arquivo Episcopal de Limoeiro do Norte, bem como em entrevistas, fonte oral, e livros memorialísticos.

Palavras- Chave: Ação Católica, Leigos, Discurso.

PRELÚDIO

[...] A defesa deve ser na altura do ataque; o remédio na proporção do mal. Eis porque os Santos Padres, particularmente os Padres Pio XI e o atual Pio XII, com uma visão nítida e perfeita do momento que o mundo atravessa (...), numa palavra, organizaram a Ação Católica, que desejamos ver, dentro em breve, fundada e difundida nesta Diocese, garantindo assim a sua grandeza e prosperidade religiosas. [...] (MATOS, In: MALVEIRA, 1998: 168 – Grifos nossos)

Estas apreciações foram feitas pelo primeiro bispo, Dom Aureliano Matos, em seu primeiro pronunciamento oficial aos novos fiéis de Limoeiro do Norte², em 29 de Setembro de 1940. Assim, na festa de sua sagração na recém Diocese, o bispo discursou sobre aquilo que ele esperava, sobre a missão da Igreja, a sua percepção acerca da modernidade, da cientificidade, do urbano, do rural, o papel da família, bem como sobre o ofício de um bispo e os seus projetos pretendidos.

* Mestre em História e Culturas pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Estadual do Ceará. Este artigo é uma fração de minha Monografia de Graduação intitulada, “DE DEUS AOS HOMENS”: AÇÃO CATÓLICA E ELITE EM PROCESSOS CONSOLIDATIVOS, NO MUNICÍPIO DE LIMOEIRO DO NORTE, DE 1930-1954, sob a orientação do Prof. Dr. João Rameres Régis.

² Município situado na região Vale do Jaguaribe, cerca de 200 Km em relação a Fortaleza, capital do Estado do Ceará. É importante destacar que após muitas disputas com outros municípios vizinhos, no caso, Russas e Aracati, Limoeiro do Norte, conseguiu ser a sede da Diocese da região. Na época, só havia a Arquidiocese de Fortaleza e as Dioceses *sufragâneas* de Crato e Sobral, significando, portanto, uma grande conquista para as elites locais.

Não se pode esquecer que este momento “que o mundo atravessa” a que se refere o bispo, nada mais é do que o contexto de laicização do Estado proveniente da modernidade e do liberalismo, percebidos pelo Vaticano como uma propagação do mal, em virtude da perda de privilégios, tais como, o reconhecimento como a religião do Estado e a perda de fiéis, já que, juntamente com o liberalismo, o protestantismo vinha ascendendo consideravelmente.

Assim, tendo em vista a conjuntura do período, o Vaticano propôs novas estratégias de se estabelecer no social, denominando-o de Ação Católica. Mas, em que consistiu este Projeto? Qual sua importância para a Igreja? Quais foram os aspectos deste movimento que interferiram no social, houve interferências? A Ação Católica interagiu na área da política, se interagiu, de que forma e em que medida ocorreu essa interação? Como o movimento percebeu os sujeitos sociais?

O projeto de Ação Católica, referido acima pelo o bispo Dom Aureliano Matos, possuiu uma dimensão para além da Diocese de Limoeiro do Norte e até mesmo uma amplitude que ultrapassou as fronteiras Brasil.

A Ação Católica, organização de apostolado leigo, foi formalizada em 23 de Dezembro de 1922 na primeira encíclica do papa Pio XI, *Ubi arcano Dei*, em que a Igreja era apresentada como “a única força capaz de curar a chaga do materialismo onipresente e de restabelecer as consciências na harmonia e na paz”. (KORNIS, 2001, p. 23)

Pio XI aludia à instalação de um movimento de caráter mundial, ramificando-se por vários países, denominado Ação Católica. A tarefa dessa entidade religiosa seria evangelizar as nações como uma “extensão do braço da hierarquia eclesiástica” e se estabelecer entre lugares e segmentos sociais antes não alcançados, como, por exemplo, em meio ao operariado que, para a visão da Igreja, se constituía no principal alvo da atividade comunista. Vale ressaltar, que os comunistas eram percebidos pela Igreja Católica como um grupo desvirtuado, isto é, sua influência na sociedade conduziria ao desvio dos princípios cristãos. Ante a ameaça comunista, Pio XI apresentou aos bispos de diferentes países uma solicitação para estabelecer, de imediato, o movimento de Ação Católica.

No Brasil, a publicação da Carta Pastoral do recém nomeado arcebispo de Recife e Olinda, Dom Sebastião Leme, em 1916, já revelavam reflexões semelhantes às do Papa Pio XI em sua missiva. Por exemplo, Dom Sebastião Leme chamava a atenção para a fragilidade institucional da Igreja, para o estado problemático da educação religiosa, para a carência de intelectuais católicos, para as deficiências das práticas religiosas (tidas como ignorância religiosa), para a empobrecida situação financeira e para a restrita influência política da Igreja. (MAINWARING, 1989: 41)

É evidente que não se deve analisar estas questões colocadas pelo cardeal isoladamente. A instabilidade da Igreja naquele período remete a relação da mesma com o Estado, pós-República. A retirada do artigo 5º da Constituição Imperial, que reconhecia a Igreja Católica como a religião de Estado em 15 de Novembro de 1889, ocasionou tensões. Dessa forma, o novo regime republicano, após a sua instauração, tratou da retirada dos privilégios concedidos à Igreja Católica que figurava como uma instituição basilar do regime anterior.

Na segunda metade do século XIX emergiram movimentos de inspirações e de ideais liberais baseados no desejo de dessacralização da sociedade. Nessa nova lógica e com o advento da República no Brasil, houve um intenso debate promovido por positivistas, maçons, socialistas e liberais sobre pontos polêmicos como o casamento civil, o ensino laico e a administração dos cemitérios, áreas que, sobretudo, pertenciam ao domínio da Igreja e que a fundamentavam socialmente. Assim, “a Igreja tinha que começar um esforço por repensar sua presença no seio de uma sociedade que se pretendia laica e plural”. (REIS, 2007: 206) A reação da Igreja, pode-se dizer que foi praticamente imediata.

Segundo Mainwaring, “[...] entre 1890 e 1916 a Igreja se preocupou, sobretudo com a consolidação de reformas internas, mas alguns líderes começaram a promover uma presença mais marcante na sociedade [...]” (MAINWARING, 1989: 42). Assim, esses anos no Brasil foram marcados por adequações institucionais diante da República laica.

O autor mencionado acima se reporta à nomeação de Dom Sebastião Leme em 1916, como um marco que insere a Igreja em um novo contexto social, denominando esta temporalidade de “Neocristandade, a Igreja carecia de cristianizar as principais instituições sociais, ampliar um quadro de intelectuais católicos e alinhar as práticas religiosas populares aos procedimentos ortodoxos.” (MAINWARING, 1989: 41) No entanto é enfático ao dizer que, embora os ideais do cardeal fossem prévios, este “modelo” viria a desabrochar somente na década de 20 atingindo seu ápice de 1930 a 1945, na era Vargas.

A década de 20 é justamente o período em que o Vaticano concebe a Ação Católica. Essa visão de Igreja, contemplada também por Leme, que a *posteriori* assumiria como arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro, 1921 a 1942, e em nível nacional, assumiria como dirigente máximo da ACB, “efetivaria sua saída das paredes do templo” fazendo com que esta, mais uma vez, porém de maneira diferente, adotasse alianças com o Estado para defender os interesses católicos constituindo, assim, um período de restauração de sua influência na sociedade, agora leiga.

Destarte, na década de 1920 foram fundadas as confederações católicas do Recife e do Rio de Janeiro por iniciativa de Dom Leme. As décadas que estavam por vir (especialmente a década de 30) seriam palco da criação de distintas associações laico- religiosas, como os Círculos Operários, o Instituto Católico de Estudos Superiores, a Ação Universitária Católica e a Confederação Católica Brasileira de Educação. Sob a liderança de Dom Leme, a ACB pretendia desempenhar suas atividades sem qualquer influência político-partidária, atribuindo, assim, um caráter de neutralidade à Liga Eleitoral Católica (fundada em 1932), pelo menos em seu discurso.

A conquista do laicato, no Brasil, emergiu tendo como referência o Centro Dom Vital, organização católica pequena, todavia, de respaldo tanto nos meios culturais como religiosos na década de 1920. Este Centro foi instituído por Jackson de Figueiredo em 1922 que também criou a revista *A Ordem*. Advogado, professor, jornalista, crítico, dentre tantas outras atividades exercidas, Figueiredo se tornou importante colaborador do cardeal Leme ao se converter ao catolicismo.

Após sua morte em 1928, Alceu Amoroso Lima, crítico literário, professor e escritor, que tinha por pseudônimo Tristão de Athayde, assumiu até o início da década de 1940 passando a ser o novo líder da Ação Católica. Também colaborador do cardeal Leme, esteve ligado à direita católica e nos anos 30 ajudou a formar a Liga Eleitoral Católica, LEC.

É de suma importância entender que Tristão de Athayde foi referencial ao se falar de Ação Católica. Sua imagem, portanto, remete à liderança dos intelectuais leigos cristãos que militavam também politicamente. Outros intelectuais também participaram do Centro Dom Vital, dentre eles Hamilton Nogueira, Gustavo Corção, Plínio Correia de Oliveira, Sobral Pinto, Perilo Gomes Allindo Vieira e Jônatas Serrano.

É importante ressaltar que o modelo de Ação Católica que foi disseminado no Brasil foi o italiano, que tomava as dioceses como núcleos básicos e relativamente autônomos dentro da organização e coligava os associados segundo os critérios de idade e de sexo. Portanto, os bispos governavam suas respectivas dioceses incorporando os ramos paroquiais. Contudo, somente a partir de 1935, “[...] a Ação Católica se consolidou e repercutiu seus estatutos por todos os bispos do país em suas referentes dioceses”.

Na condição de primeiro Programa Nacional, a Ação Católica Brasileira (ACB) almejava estabelecer a participação do laicato católico no apostolado da Igreja “para difundir e promover a atuação dos princípios católicos na vida individual, familiar e social”. Além disso, seu papel também consistia em coordenar todas as associações e obras católicas já situadas no país, submetendo-as a uma orientação una. (KORNIS, 2001: 23)

IMAGENS DO COMUNISMO: O MAL QUE MOLESTA O CORPO E O ESPÍRITO

[...] A temperatura que se desencadeou, vem, como vimos, solapando todas as camadas sociais. Em todos os setores encontra-se o gérmen da dissolução, com mais ou menos desenvolvimento. A defesa deve ser na altura do ataque; o remédio na proporção do mal. Eis porque os Santos Padres, particularmente os Padres Pio XI e o atual Pio XII, com uma visão nítida e perfeita do momento que o mundo atravessa e, medindo a gravidade do mal que se alastra, procuraram organizar uma defesa eficiente, ou melhor, uma ofensiva eficaz. Apela não só para seu clero – soldados sempre em postos avançados, mas para todas as reservas católicas; para todas as camadas sociais, desde a criança nos bancos escolares, até a velhice no retraimento que a idade lhe impõe; desde a mulher no verdor dos anos, até a mulher com a responsabilidade de um lar, para numa afirmação de fé, com uma organização completa trabalharem na defesa da Fé e da moral, conservando os frutos abençoados que nos legou o sangue de Jesus Cristo; numa palavra, organizaram a Ação Católica, que desejamos ver, dentro em breve, fundada e difundida nesta Diocese, garantindo assim a sua grandeza e prosperidade religiosas. [...] (MATOS, In, MALVEIRA, 1998:168 - Grifos nossos)

O trecho acima é expressivo no que diz respeito à interpretação do bispo, pautada à luz da Igreja Católica, sobre a conjuntura da época. O que vem solapando todas as camadas sociais? O que ou quem é este gérmen da dissolução? O que ou quem é este mal em que a Igreja deve atuar como remédio?

Dom Aureliano, assim como toda a Igreja Católica, também teceu um discurso³ anticomunista, corroborando com o governo Vargas, embora, pode-se dizer que por motivações distintas. O comício do dia 5 de Julho de 1935, organizado pela Aliança Nacional Libertadora (ANL) em que Prestes lia seu manifesto revolucionário, contudo o mesmo foi capciosamente impedido pelo governo, gerou um clima de tensão manipulado em especial pelos poderes vigentes. Como problematiza Dutra, “[...] Esse clima foi fortemente manipulado por segmentos do poder ligados às hostes governistas, e a opinião pública se viu defrontada com o fantasma do comunismo que se tornaria real de fato em novembro desse mesmo ano. [...]”. (DUTRA, 1997: 36).

A autora ainda esclarece sobre os sentimentos contrastantes com relação ao comunismo da sociedade brasileira da segunda metade de 30: “[...] É fato que a revolução, comunista, é o grande tema mobilizador dos desejos, das aspirações, das energias e também dos temores e dos rancores que envolvem as vivências da sociedade brasileira na passagem

³ O termo **discurso** empregado neste trabalho é compreendido em conformidade a conceituação de Durval Muniz, que declara que esta noção é polissêmica, e pode ser entendida como *uma peça oratória proferida em público ou escrita como se fosse para ser lida para um dado público [...] podendo ser escrita previamente ou dita de improviso*. Da mesma forma, a categoria **pronunciamento** será abordada aqui segundo este mesmo autor, sendo, portanto refletida *como ato ou efeito de publicamente expressar uma opinião, manifestar-se em defesa de dadas teses ou posições políticas, morais, religiosas, filosóficas, éticas, econômicas, jurídicas, estéticas etc.* (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009: 223- 225)

para a segunda metade dos anos 30. [...]”. Em meio a estas contradições, é interessante se atentar para a seguinte questão: a necessidade de falar do outro para falar de si mesmo, “[...] Nessa tentativa de construção de uma identidade coletiva, a visão do “outro” é tão fundamental quanto à de si mesmo, seja do amigo ou inimigo, do rival ou do aliado [...]” (DUTRA, 1997: 34-35).

O fragmento acima, discursado por Dom Aureliano, deixa isso bastante evidenciado. Primeiramente, o bispo apresenta a seus fiéis o “inimigo perigoso”, se referindo ao comunismo como gérmen, como mal, traçando imagens para figurá-lo, para depois apresentar a Igreja como remédio, a solução. “A figura do inimigo é, assim, essencial. Ela serve para fornecer ao povo a consciência de sua unidade e, ao poder que conduz o combate, a legitimidade” (DUTRA, 1997: 41).

Outra questão bastante pertinente diz respeito à conexão feita do inimigo com o mal interpretado como doença. “[...] A defesa deve ser na altura do ataque; o **remédio** na proporção do **mal** [...] do momento que o mundo atravessa e, medindo a gravidade do **mal que se alastra** [...]” (MATOS, In, MALVEIRA, 1998:168- Grifos nossos). Eliana de Freitas Dutra ainda continua contribuindo com suas reflexões ao explicar que Vargas pensava o comunismo como uma doença, tendo em vista a ideia do intelectual católico Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) de “diagnóstico”, compondo assim, o discurso anticomunista:

[...] a imagem do vírus fortalece a imagem do agressor externo e, por isso, se compõe numa combinação bem-sucedida, com a imagem da infiltração. [...] Essas imagens se sucedem não de forma isolada, ao contrário, elas se ajustam dentro de uma mesma percepção de vida política e social. [...].(DUTRA, 1997: 43)

As imagens do comunismo, contudo não foram associadas apenas ao plano biológico e físico, partiram também para imagens de praga, flagelo e peste, coligadas às efígies religiosas:

[...] Isso porque as imagens de peste e flagelo aparecem fortemente ligadas, em particular na tradição judaico-cristã, à ideia de pecado, e esta, por sua vez, à imagem do demônio que amplia enormemente as representações acerca do mal e do perigo comunista, acrescentando-lhes uma nova faceta: a diabólica. É nesse imaginário religioso, que os católicos souberam aproveitar tão bem, que o repertório de imagens anticomunistas irá se abastecer [...].(DUTRA, 1997: 47)

O comunismo foi visto como uma doença e um mal externo, ou seja, foi um agente estranho, pois não era do país, indo, portanto, de encontro ao nacionalismo que se buscava gerar nos corações dos brasileiros. Dom Aureliano, como sujeito discursivo construído e construindo o “contexto”, está em plena harmonia como já foi mencionado a este nacionalismo propagado por Getúlio. O comunismo era a enfermidade e a Igreja logicamente

era o remédio, pois somente em Cristo se poderia ter um coração genuíno, um amor autêntico pela pátria e se obteria vitória, vencendo, conseqüentemente o mal. Como cristão, sobretudo, o bispo apresentou o comunismo ao rebanho limoeirense como agente antagônico ao cristão fidedigno, “gérmen da dissolução”, isto é, o comunismo era o micróbio que pervertia os costumes, era licenciado, negava e afastava os verdadeiros cristãos dos princípios do “Altíssimo”.

É interessante se perceber a uniformidade dos discursos implantados na sociedade do fim década de 30 e primeiros anos de 40, que se sabe que repercutiu para outras décadas. Ao se comparar as passagens da retórica de Dom Aureliano Matos e os trechos selecionados do trabalho de Dutra destacou-se a harmonia dos discursos em que a sociedade deste período foi envolvida.

Nessa perspectiva, deve-se considerar o poder legitimador dos discursos, dotado de intenções para uma dada plateia. Esses possuem a proposta de intervir no mundo social, almejando produzir uma eficácia nas relações e percepções dos sujeitos, no propósito de alcançar o convencimento. A alocução de Dom Aureliano Matos é um exemplo nítido de que “um discurso tem uma relação de coexistência de outros discursos” (ALBURQUEQUE JÚNIOR, 2009: 235).

Nesse sentido, pode-se afirmar que a Ação Católica foi apresentada pelo bispo como a cura para todas as mazelas que eram inerentes à sociedade moderna, incluindo o mal, vinculado muitas vezes como sinônimo do comunismo. A Igreja, centralizada na pessoa do bispo Dom Aureliano Matos, se percebeu como comandante da batalha diante do mal que se alastrou e assumiu o papel de recrutar a todos. Com a mesma linha de raciocínio, pensada por Pio XI na encíclica *Ubi Arcano Dei*, o bispo limoeirense propôs a solução para a restauração da paz na sociedade tão desorientada e desordenada pela modernidade. Deve-se compreender que a Ação Católica foi uma resposta a sociedade laica, moderna. Como reflete Dominique Julia, “[...] As mudanças religiosas só se explicam, se admitirmos que as mudanças sociais produzem, nos fiéis, modificações de ideias e de desejos tais que os obrigam a modificar as diversas partes de seu sistema religioso [...]”. (JULIA, In, LE GOFF, NORA, 1976: 106) Semelhantemente a Dominique, Mainwaring declara:

[...] A ideia básica da análise institucional é que podemos compreender as mudanças nas instituições como uma tentativa de defender seus interesses e expandir sua influência. A organização muda principalmente porque seus interesses a obrigam a mudanças que estejam de acordo com as transformações da sociedade como um todo. [...] (MAINWARING, 1989: 17)

Acredita-se que não somente nos fiéis, mas principalmente nas lideranças religiosas, produziu-se um desejo de recompor sua influência no social diante das transformações na maneira de se organizar e perceber os múltiplos setores da sociedade. Para isto, a Igreja disputou com outras forças políticas e reconsiderou seu próprio “regimento interno”.

Como instituição, em muitas circunstâncias, ela foi movida pela avaria nas disputas de poder, tendo em vista este ser limitado, pois na luta pelo poder alguém tem que perdê-lo para que assim o outro possa conquistá-lo, sendo que a relação de poder é variável.

Também é interessante pensar que a conquista almejada, ambicionada pela Igreja, pelo poder não se caracterizou apenas no âmbito do institucional, mas, como lembra Foucault, as relações de poder mostram-se em todo lugar, em todo corpo social, tendo principalmente na metáfora da família uma medida de controle social do Estado. A Igreja desejou o coração de seus fiéis, reconquistar aqueles que perderam o vínculo, a identificação com sua doutrina, reaver sua soberania tanto no que diz respeito a sua relação com o Estado como com a sociedade em sua integralidade.

DE DEUS AOS HOMENS: A AÇÃO CATÓLICA ESPECIALIZADA LIMOEIRENSE

*[...] porque você tem que entender que houve uma Ação Católica Geral, no tempo de Pio XI, e houve depois uma Ação Católica mais especializada, por exemplo, Limoeiro [...] hospedou o primeiro encontro nacional da Juventude Agrária Católica, [...] isso aí por causa de Dom Falcão, [...] ele deu um empurrão para tudo que foi renovação, [...] da Ação Católica antiga, Dom Aureliano promoveu com o Pe. Misael, toda Ação Católica antiga, né, e esse aí já promoveu a Ação Católica especializada e, por exemplo, Pe. Pitombeira também, vocês podem até conversar com ele sobre a Ação Católica especializada, JEC, Juventude Estudantil Católica, né, [...] era mais justamente tentar viver como cidadã, como cristão no interior né, ser fermento na massa, se não no fundo no fundo você volta ao evangelho eles são sal da terra, luz do mundo, fermento na massa, então no meio rural como é que agente pode influenciar é claro que indiretamente você influencia só no meio rural [...] é como Juventude Estudantil, você tem o Ariosto, o Padre Manfredo tudo foram embora né, tiveram aquele fermentação no colégio, a JIC, JUC, Juventude Universitária, Juventude Independente e JOC, funcionava mais na cidade, então é fazer o trabalho de evangelização [...] de acordo com os meios, já é justamente a setorização não dá para pegar a massa, antes era a massificação, aí começou a se pensar que a Igreja não era uma massa, mas justamente um conjunto de setores [...]*⁴

A partir da década de 1950 não somente em Limoeiro, mas também em todo o Brasil a Ação Católica Brasileira recebeu mais um codinome passando a ser denominada como Ação Católica Brasileira Especializada, ou como ficou mais conhecida Ação Católica Especializada, devido ao fato de ter procurado se adequar as realidades vivenciadas pelos

⁴ Entrevista realizada com o Padre João Olímpio Castelo Branco, 72 anos em 14/04/11. Grifos nossos.

sujeitos. O fragmento acima possibilita evidenciar e ratificar algumas questões. A princípio, ele confere a este estudo, embasamento para se fundamentar o que já se havia dito no que diz respeito ao caráter específico de cada momento da Ação Católica, tornando bem claro que os Círculos Operários Católicos, COC, a União dos Moços Católicos, UMC, e a Liga Eleitoral Católica, LEC, foram ações da Igreja Católica pertencentes a esta primeira fase, embora não tenham desaparecido com a Ação Católica Especializada.

Em seguida, este trecho deixa explícito o que esse novo modelo de Ação Católica diferia do anterior. O Pe. João Olímpio deixa claro que Ação Católica Especializada primava como a própria nomenclatura sugere discursar e agir de acordo com as compartimentalizações sociais. A estratégia de atuação da Igreja foi ser justamente a de se articular de acordo com a linguagem da cada grupo, para que assim através de seus ensinamentos ela estabelecesse uma ação de “monitoramento” tanto no que diz respeito aos aspectos das atitudes individuais como também na perspectiva de organização interna dos grupos, bem como o seu posicionamento ante as inquietações sociais.

Como se pode perceber, após a morte do cardeal Leme, em 1942, Ação Católica Brasileira foi assumindo outras configurações em todo território nacional, isto é a partir de 1943 a maneira como o movimento passou a perceber e se relacionar com laicato foi diferente frente ao anterior.

Inspirados nos princípios pregados pelo padre belga José Cardjin, que acreditava que, uma “revolução” espiritual só aconteceria se aliançada, concomitantemente, a profundas mudanças no ambiente em que os indivíduos viviam e trabalhavam a ACB, em especial na década de 1950, se espelhou nos moldes “francês, belga e canadense, que reduziam radicalmente a importância das paróquias e dioceses e abandonavam o critério de filiação por idade e sexo”, assumindo uma nova postura quanto à formação dos grupos, ou seja, buscando estimular a formação de grupos que representassem prioritariamente os diversos segmentos da sociedade. (KORNIS, In, ABREU, 2001: 23)

Um dos primeiros movimentos que o trecho acima nos traz é acerca da Juventude Estudantil Católica (JEC), tendo como figura central o Pe. Pitombeira:

[...] A Juventude Estudantil Católica também tinha uma formazinha de ser: Chamava-se JEC [...] Bem... nasceu quando eu entrei na direção do Colégio Diocesano em 1952. Me ordenei e logo no outro ano, 53, eu comecei a trabalhar aí no Colégio. Depois de alguns anos, nós aí organizados num grupo muito bom, inclusive um deles hoje é um dos melhores filósofos brasileiros, professor de filosofia na universidade federal que é o padre Manfredo de Oliveira. E esse grupo

tinha certa influência nos estudantes que eles faziam movimentos, passeatas que deram certa noção de como os estudantes são. [...] ⁵

Esses estudantes passaram, portanto, a disseminarem em seu meio os princípios da Igreja. O Pe. Pitombeira revela que as passeatas serviam justamente para mostrar aos outros estudantes de Limoeiro que não comungavam, ou que ainda não tinham sido informados, da existência do mesmo, isto é, “que havia um movimento nesse sentido”. Esse depoimento do Pe. Pitombeira conduz a refletir que havia um desejo de homogeneizar a sociedade. Pode-se ainda inferir que a sociedade não estava totalmente adepta aos princípios difundidos pela Igreja Católica através de seu Bispo.

No decorrer da entrevista, o Pe. Pitombeira expôs que as reuniões realizadas no colégio, eram compostas por mais ou menos de dez a quinze jovens e que na oportunidade, eram discutidas como os jovens que estavam presentes ali, poderiam fazer diferença em meio aos outros: “a gente discutia o que era que os jovens podiam fazer no meio dos outros para dar uma orientação no sentido do que é que a Igreja pensava o que é que a Igreja ensinava. E também pra eles agirem socialmente, né?” Era a Igreja saindo das paredes do templo e se estabelecendo em meio a uma sociedade laica. Para isso ela foi contra a tudo que, a seu ver, ameaçava sua supremacia.

Ao perguntar ao Padre contra o que a Igreja pregava e contra o que ele advertia os moços, obteve-se a seguinte resposta: “Da influência marxista comunista”. Como discutido, a Igreja difunde todo um discurso opositor ao comunismo devido ao próprio temor de que a instauração de tal regime estremeçesse sua dimensão institucional. Com base no trecho escrito por Marx que trazia a religião como “o ópio do povo” se construiu um conjunto de imagens e retóricas maniqueístas.

Na citação acima, ainda está imbuído outro movimento que talvez no ponto de vista de repercussão foi o que mais se sobressaiu em Limoeiro, a JACF, Juventude Agrária Católica Feminina:

*[...] Cumpre cientificar, igualmente, que atendendo a um desejo do Secretário Nacional da JACF, será também levada a efeito, nesta cidade, de 1 a 4 de dezembro, a 1ª Semana Nacional de Assistentes e Dirigentes Jacistas. Sendo esta Diocese uma das primeiras a iniciar este movimento de Ação Católica, junto à juventude rural, esta escolha, que tanto nos honra, constitui um estímulo para que continuemos a trabalhar sem desfalecimento nesta patriótica missão que, se bem comprometida e executada, trará, em parte, a **redenção dos campos**. [...] (MATOS, In, MALVEIRA, 1998: 205)*

⁵ Entrevista realizada com o Padre Francisco de Assis Pitombeira, 82 anos em 02/05/11.

Os “sinais” discursivos, neste fragmento, logo se ressaltam. Tecendo um jogo da retórica, o bispo apresenta “sua” Diocese como a precursora, a mobilizadora, já como uma forma de legitimar o fato de mesma sediar tal acontecimento tão renomado. Recepcionar a semana da JACF na escala nacional indica o quanto a Ação Católica Especializada em Limoeiro agiu e interagiu ativamente:

[...] Há um crescimento, um dinamismo da Igreja, de tal maneira que essa coisa era assim e Dom Falcão, então como estava muito entusiasmado e era do interior foi convidado para ser assessor nacional, mas o bispo não deixou Dom Aureliano não o queria perder, certamente, né, mas aí o cardeal Sales, nesse tempo era bispo de Natal, conseguiu trazer o primeiro Encontro Nacional, né, da JACF, tá certo? Pra Limoeiro e ele veio também, [...] e foi em Limoeiro de 1º a 4 de Dezembro [...]. O pessoal da JACF, devia ser a Nozinha, minha prima, Conrado [...] masculina não devia ter muita, sempre a dificuldade dos homens parece que não tem alma, né. [...]
6

Dom José Freire Falcão⁷, descrito pelo Pe. João Olímpio foi referenciado por todos os narradores como o dirigente da Ação Católica Especializada. O mais intrigante, é que na Ação Católica Geral, a memória dos entrevistados ressaltam os leigos, os colocando “no lugar de destaque”, como por exemplo, o próprio Padre João Olímpio não somente ao falar, mas quando também escreve (BRANCO, 1997: 176-177) da União dos Moços Católicos enfatiza a atuação do leigo Meton Maia e Silva, vice – presidente da União dos Moços Católicos⁸, que trabalhava no IBGE e escrevia jornais para a comunidade.

Enquanto, na Ação Católica Especializada, apesar de agentes aparecerem nas falas como Nozinha, Elisiomar, sobrinha de Judite Chaves e Custódio Chaves, prefeito de Limoeiro nos anos de 1930 e 1940, esposo de Judite, família emblemática para se pensar as relações sócio-políticas da cidade, o foco maior foi atribuído a figura eclesial de Dom Falcão, o que soa, até certo ponto, contraditório a proposta da Ação Católica.

Segundo ainda o Pe. João Olímpio, a JACF defendia:

[...] o desenvolvimento humano cristão no meio rural, viver como cidadão, como cristão no interior né, ser fermento na massa, Sabendo que o êxodo rural já estava começando [...] mas enquanto se está no ninho, vamos formar a consciência cristã, era nesta linha, do povo do campo, começando pelos jovens, sobretudo pelas mulheres, os rapazes são mais difíceis. Então esse povo que foi formado foi fermentando por aí, foi para Brasília, pro Rio, então levava aquela formação aquela visão crítico-cristão, porque geralmente a Ação Católica foi muito assim fazer a inculturação da fé, fé e vida [...] no fundo, no fundo é ser cristão, ser cristão não é ser batizado, ser cristão é ser irmão, aí você vai ser cristão sendo irmão no

⁶ Entrevista realizada com o Padre João Olímpio Castelo Branco, 72 anos em 14/04/11. Grifos nossos.

⁷ Dom Falcão, atualmente é Arcebispo em Brasília, tentou-se contatá-lo por meio de e-mail para uma possível entrevista, contudo não se obteve resposta.

⁸ A União dos Moços Católicos em Limoeiro foi fundada em 1936 e filiada a de Fortaleza. Seu diretor espiritual foi o Pe. Manuel Caminha Freire, tendo como presidente o leigo Afonso Ferreira Lopes e vice – presidente Meton Maia e Silva. Esteve emoldurada de acordo com a concepção da Ação Católica Geral, que agia mais focalizada em organizar os grupos por gênero e não por área de atuação. Infelizmente, apesar das investigações, não se tomou conhecimento de fontes que permitissem retratar menos superficialmente essa organização.

seu meio, agrário, universitário, independente, operário, né. No fundo era essa mensagem que a Ação Católica queria passar, ser sal e luz no meio [...] ⁹

Mesmo com um olhar bem direcionado pensando a Ação Católica mais em seu formato atual, devido à confluência de tempos que perpassam as lembranças de cada indivíduo, o Padre expõe não somente a proposta da Ação Católica na década de 1950, mas os seus reflexos na dinâmica atual, do século XX, das pastorais da juventude do Brasil que são em sua maioria fruto desse processo.¹⁰

Outro movimento desta Ação Católica Especializada foi a JOC, segundo o Pe. Pitombeira:

[...] Quem trabalhou muito nisso aqui foi o padre Falcão que depois foi bispo, cardeal de Brasília... ele tinha através da Juventude Operária Católica, a JOC. Ele chamou várias vezes é para falar, dar orientações para a Juventude Operária Católica. Dom Falcão foi quem fez esse trabalho aqui na cidade de Limoeiro. Nesse tempo ele era também professor do colégio é [...] a JOC, se deve a ele a organização do trabalho. [...] ¹¹

Como já mencionado, a Juventude Operária Católica foi fundada em 1923, pelo eclesiástico belga Joseph Cardijn, procedente do operariado. Desde a gênese de sua formulação o seu meio atuante eram os operários da camada urbana, contudo os primeiros grupos da JOC só se aparelharam a partir de 1935 tornando-se mais relevante na década de 1940, haja vista a Ação Católica Brasileira nesta década já está com os seus estatutos mais disseminados por todo o Brasil.

Não é interessante esquecer que a JOC não é diferente dos Círculos Operários Católicos quanto ao discurso contrário ao comunismo. A maior preocupação desses papas em reconquistar o operariado era como já foi retratado em páginas anteriores, firmar-se como uma rocha em meio ao operariado para que “os agitadores comunistas” (MAINWARING, 1989,p. 143) não ganhassem espaço.

Não ficou claro se a JOC em Limoeiro só foi estabelecida em 1950 ou em uma década anterior. A respeito de suas ideias e sua execução o Pe. Pitombeira declara:

[...] Defendia os direitos dos operários perante os patrões, mostrava o pensamento da Igreja a respeito das organizações operárias, eram fundamentalmente, era isso; cada vez mais fazia com que surgissem e fossem aproveitados líderes entre os operários para que eles pudessem cada vez mais estender uma influência do pensamento social da Igreja no meio da juventude operária [...] Era os direitos dos operários com relação a salário e também para evitar influência comunista, né? Mas o certo é que esse grupo da JOC chegou a participar de reuniões de reuniões

⁹ Entrevista realizada com o Padre João Olímpio Castelo Branco, 72 anos em 14/04/11. Grifos nossos.

¹⁰ Ver, por exemplo, o site <http://www.portal.ecclesia.pt/ecclesiaout/joc/origem.html>. Disponível em 16 de Maio de 2011. Esse é só um dos muitos sites disponíveis na mídia virtual a respeito da atuação da Igreja na sociedade hodierna, inspirada na Ação Católica Especializada.

¹¹ Entrevista realizada com o Padre Francisco de Assis Pitombeira, 82 anos em 02/05/11.

em Fortaleza... o que eles obtiveram, assim, de resultados... tudo isso foi abafado depois quando voltou à ditadura. [...].¹²

Esse fragmento corrobora com o que se discorreu acima a respeito de “ganhar” o operariado e combater o expansionismo comunista. A proposta da Ação Católica foi através de “pequenos grupos” evangelizar os sujeitos, conduzindo-os e induzindo-os a olharem as questões político-sociais à luz dos princípios de sua crença. No entanto, vale ressaltar que estas frações da massa estariam sob a hierarquia católica, para que, portanto a “hegemonia” institucional não fosse a nenhum momento ameaçada. Esse projeto foi muito bem articulado aqui no Brasil. Nesse sentido é certo que a adesão em Limoeiro bem como a efetivação dessas “alianças” ocorreu de forma ativa no município.

Tendo como pedagogia ver, julgar e agir, a JOC, em sua concepção expressava a preocupação com os aspectos sociais. De acordo com Mainwaring, na década de 1950 tinha primordialmente um caráter e atuação mais sacramental do que político e somente a partir do final da década de 1950, foi que a JOC assumiu uma posição mais politizada. Em Limoeiro, pelo menos no plano das recordações, coloca-se a hipótese de que a JOC aparentemente uniu as duas posturas, mas fica difícil definir com precisão. Assim, deixa-se mais essa lacuna para outros pesquisadores ou para futuras pesquisas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante salientar o caráter político dos discursos teológicos do bispo Dom Aureliano Matos e como eles atuaram na forma como os fiéis de Limoeiro do Norte passaram a produzir o mundo social. A política, como bem lembra René Rémond (2003:35), “não constitui um setor separado: é uma modalidade da prática social.” E, como trata inúmeras obras, a exemplo de a Sacralização da Política, do pesquisador Alcir Lenharo, e o Ardil Totalitário, de Eliana Dutra, ela, ao longo dos anos, tem encontrado subsídios e possuído íntima ligação com o “campo” religioso. Nesse sentido, concorda-se com Aline Coutrot:

[...] A crença religiosa se manifesta em Igrejas que são corpos sociais dotados de uma organização que possui mais de um traço em comum com a sociedade política. Como corpos sociais, as Igrejas cristãs difundem um ensinamento que não se limita às ciências do sagrado e aos fins últimos do homem. Toda a vida elas pregaram uma moral individual e coletiva a ser aplicada hic et nunc; toda a vida elas proferiram julgamentos em relação à sociedade, advertências, interdições, tornando-se um dever de consciência para os fiéis se submeter a eles. [...] (COUTROT, 2003: 334)

¹² Entrevista realizada com Francisco de Assis Pitombeira, 82 anos em 02/05/11.

Destarte, a Igreja Católica, como toda instituição, não sendo neutra, possui “sua eficácia própria, e suas consequências desequilibram e tumultuam as relações de forças. [...] tem efeitos poderosos sobre a estruturação da opinião e os sistemas partidários.” (RÉMOND, 2003:25). Nesse caso, ela pode ser vista como uma importante disseminadora dos princípios do governo do Estado Novo, em que se construiu uma relação de dupla troca, pois a própria ideia de moral cristã foi legitimada pelo Estado, por condizer e servir em parte com o discurso que validava as medidas de controle empregadas pelo mesmo e, em especial, por ambos, unidos por terem um inimigo em comum, o comunismo.

A Ação Católica foi um período de se idealizar um projeto sejam para os jovens, para mulheres, homens, operários. Era a ocasião de se doutrinar a respeito dos modos que se deveria sentir e perceber a sociedade, era o instante de reger como precisaria ser o comportamento dos sujeitos que se denominavam católicos, seja em qualquer compartimento da margem social e política.

A chegada de Dom Aureliano Matos ofereceu outro suporte ao sentimento religioso da população, bem como uma nova estruturação da Igreja local. Constatou-se que mesmo já existindo movimentos de Ação Católica em Limoeiro como os Círculos Operários, e a participação político-partidária expressa pela LEC, com Dom Aureliano Matos há, uma institucionalização da Ação Católica, devido o próprio respaldo do título de bispo e o fato da pro atividade, incontestável do mesmo. O fato do bispo está em suas cartas constantemente convocando aos fiéis Católicos, a estarem abraçando seus empreendimentos ofereceu outra extensão aos movimentos de Ação Católica que já vinham acontecendo desde a década de 1930. Dom Aureliano traçou estratégias de discursos para seus destinatários.

Esta singela contribuição a respeito da História da Igreja Católica em Limoeiro do Norte, buscou mapear os movimentos que integravam a Ação Católica, não focalizando somente um, por entender ser mais rico perceber as intervenções destes, em uma abordagem mais geral na dinâmica sociocultural dos sujeitos sociais deste município. Sabe-se que tanto antes, como pós a temporalidade elencada e justificada pela chegada do primeiro bispo, houve expressões de Ação Católica relevantes, como a LEC¹³ na década de 1930 e o MEB, Movimento de Educação de Base, em 1960. Assim, que estes últimos tópicos que se apresentam até mais informativos, possam inspirar a outros pesquisadores. Por último é imprescindível declarar que estudar a organização e maestria da instituição Igreja Católica é

¹³ A respeito da mesma abordou-se no texto original da Monografia de Graduação.

dispor-se a inserir - se em um mundo complexo, dinâmico, metamórfico, mas instigante e envolvente.

REFERÊNCIAS

Documentos

Encíclica Papal Rerum Novarum. (Papa Leão XIII). Disponível em <www.papalencyclicals.net/.../P11ARCAN.HTM>. Acessado em: 28 de abril de 2010.

Encíclica Papal Ubi Arcano Dei. (Papa Pio XI). Disponível em <www.papalencyclicals.net/.../P11ARCAN.HTM>. Acessado em: 28 de Abril de 2010.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **O Manifesto do Partido Comunista.** Disponível em <<http://www.culturabrasil.org/manifestocomunista.htm>>. Acessado em 06/07/11

Memória Escrita

MATOS, Dom Aureliano – *Primeira Carta Pastoral “Saudando os seus diocesanos” 1940.* In: MALVEIRA, Antônio Nunes. **O Limoeiro de Dom Aureliano Matos.** Rio de Janeiro: [Sn], 1998. p. 152- 172.

_____ – *Segunda Carta Pastoral “Pedindo aos seus Diocesanos auxílio para construção do Seminário” 1941.* In: MALVEIRA, Antônio Nunes. **O Limoeiro de Dom Aureliano Matos.** Rio de Janeiro: [Sn], 1998. p. 173- 190.

BRANCO, João Olímpio Castelo. **O Limoeiro da Igreja. A história de Limoeiro a partir dos seus párocos.** Ed. Minerva Indústria Gráfica, 1997.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFIAS

DUTRA, Eliana de Freitas. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

KORNIS, Monica. *Ação Católica Brasileira.* In: ABREU, Alzira Alves de [et al.]. **Dicionário histórico-biográfico brasileiro Pós-1930.** Vol. I. Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001, p. 23-24.

JULIA, Dominique. *A religião: História religiosa.* In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs.). **História; novos objetos, novas abordagens, novos problemas.** 3V. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985).** Trad. Heloísa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 1989.

REIS, Edilberto Cavalcante. *“Levantai-vos soldados de Cristo: a Igreja Católica no Ceará e a eleição para a constituinte de 1891”.* In: **Trajeto.** Revista do Programa de Pós- Graduação em História Social e do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará .v. 5, n. 9/10 (dez.2007). Fortaleza: departamento de História da UFC, 2007. p. 205-229.